Master Negative
Storage Number

OCI00047.14

Historia do rapto d'elisa

Porto

1891

Reel: 47 Title: 14

BIBLIOGRAPHIC RECORD TARGET
PRESERVATION OFFICE
CLEVELAND PUBLIC LIBRARY

RLG GREAT COLLECTIONS
MICROFILMING PROJECT, PHASE IV
JOHN G. WHITE CHAPBOOK COLLECTION

Master Negative Storage Number: OCI00047.14

Control Number: BGO-1544
OCLC Number : 25141827
Call Number : W 381.5698 P8381 no. 15
Title : Historia do rapto d'elisa, ou, A rosa branca encantada / traducção de O.A.
Imprint : Porto : Cruz Coutinho, 1891.
Format : 16 p. ; 24 cm.
Note : Cover title.
Note : Title vignette (woodcut).
Subject : Chapbooks, Portuguese.
Added Entry : O. A.

MICROFILMED BY
PRESERVATION RESOURCES (BETHLEHEM, PA)
On behalf of the
Preservation Office, Cleveland Public Library
Cleveland, Ohio, USA
Film Size: 35mm microfilm
Image Placement: IIB
Reduction Ratio: 8:1
Date filming began: 9/30/94
Camera Operator: AR

HISTORIAS PARA O POVO.

HISTORIA

DO

RAPTO D'ELISA

OU

A ROSA BRANCA ENCANTADA.

TRADUCÇÃO DE **O. A.**



PORTO.
LIVRARIA = *CRUZ COUTINHO* = EDITORA.
18, Rua dos Caldeireiros, 20.
1891.

HISTORIA DO RAPTO D'ELISA.

CAPITULO I.

A casa paterna. — Primeiras apparições do feiticeiro. — Ciumes e vingança.

Em certo palacio de recreio habitava um individuo de bastante idade, embora ainda muito robusto. Era elle o mais rico de todos os nobres do seu tempo. Viuvo, com uma filha de vinte annos, chamada Elisa, considerava-se feliz de tal modo, que nada havia que despertasse a sua ambição. Infinitos pretendentes aspiravam ao casamento com a menina, que conseguira com a sua formosura uma fama universal. Chamavam-lhe a *Bella castellã,* alludindo a um famoso castello de que era a unica herdeira. Como o pae a amava extremosamente, satisfazia-lhe todas as vontades e caprichos. O prazer mais dominante da menina era sahir todas as manhãs a passear no jardim do palacio. N'elle se distrahia regando algumas plantas que ella mesma cultivava ou então fazendo ramilhetes com que adornava o seu quarto ou que dava a amigas suas: outras vezes passava longo tempo lendo, debaixo d'um bonito caramanchão todo entretecido de trepadeiras.

Muitas vezes iam alli divertir-se as amigas de Elisa, especialmente nas longas tardes de verão. Succedeu certa occasião que estando só, lendo n'um pergaminho uma historia que fallava do poder d'um certo feiticeiro que roubava para as levar para o seu castello, as donzellas mais formosas, sentiu cahir sobre a fronte uma corôa de flôres e na mão um precioso annel. Admirada d'isto, ergueu os olhos para vêr quem lhe atirara a corôa e o annel e avistou uma pombinha branca pousada no caramanchão. Surprehendida não se atreveu a agarral-a nem a enxotal-a julgando que seria o feiticeiro de que fallava o pergaminho que estava lendo.

Sahiu apressadamente do caramanchão e recolheu-se ao seu quarto sem contar a ninguem o que havia acontecido, deixando cahir inadvertidamente no caramanchão a corôa e o annel.

Passou aquelle dia e os seguintes sem se recordar mais de tal aventura e ao cabo d'algum tempo voltou ao jardim a occupar-se na sua tarefa favorita; estando a regar um rosal tornou a cahir-lhe na cabeça a corôa e o annel na mão, apparecendo outra vez a pombinha. Quiz fugir, porém então a pomba adejando deante d'ella deteve-a, dizendo:

Não temas castellãzita,
Lyrio de rosto fagueiro:
— São duas prendas mimosas
Que te envia o feiticeiro.

Ficou a joven como que petrificada ao ouvir estas palavras e sem pensar em arrancar a corôa da cabeça e o annel do dedo sentou-se n'um banco, a meditar no que com ella se passava. Não acertando, depois de longa meditação, em formar nenhuma ideia do que significava tudo aquillo, voltou para o seu quarto, sem declarar tambem d'esta vez o que lhe succedia. Deitou-se e quando foram chamal-a para comer, desculpou-se dizendo que se achava um pouco incommodada. O pae como a prezava muito, ficou logo to-

do alvoroçado, foi vêl-a e encontrou-a pallida e chorosa. Por mais que a interrogasse só pôde saber d'ella que estava indisposta. Chegou a noite e a menina pediu que a deixassem só, com o pretexto de que se achava melhor. Mas era certamente para se entregar com toda a liberdade á dôr que, sem saber porque, a opprimia.

Deixaram-n'a com effeito só e pouco depois ouviu o dôce gorgeio de certa avesinha, causando-lhe tal effeito que se sentiu alliviada da pena que a opprimia, seccaram-se-lhe as lagrimas e experimentou uma satisfação interior tamanha que a encheu de gôso e d'alegria. De repente cessou o canto da ave e começou a ouvir-se o som de varios instrumentos harmoniosos e ao compasso da musica uma voz d'homem, muito sonora, cantou os seguintes versos:

Dorme seductora Elisa
A quem amo e por quem péno,
Lyrio de rosto sereno
E de adorada candura
Nunca te murches, formosa,
Sempre esses labios divinos
Me sorriam peregrinos
Com o fulgor da ventura.

Realmente ao som magico d'aquella voz, a joven adormeceu; n'esse instante entrou por uma janella, um homem arrogante, de bella presença e olhos scintillantes. Sentou-se junto ao leito e ficou a contemplar a formosa Elisa. Porém como ao dar-lhe um beijo ardente, ella despertasse, o homem transformou-se immediatamente n'uma pomba e pousou sobre a almofada. Elisa viu e sem suspeitar cousa alguma agarrou-a e fez-lhe mil caricias. N'isto ouviu-se novamente a musica; porém já não era a voz d'homem a que cantava, era a de uma mulher que dizia a seguinte:

Ai! não durmas incauta donzella
Que em teus braços alberga-se o amor;
Não suppões pomba timida e bella
Um fallaz, um perjuro e traidor.

Ao ouvir isto, Elisa arremessou fóra a pomba que desappareceu. Ia vingar-se da mulher que acabava de cantar; era ella uma feiticeira que estava doidamente apaixonada pelo amante que a abandonava pela castellã. Ciumenta, seguia-lhe os passos e avisara a joven do laço que se lhe armava. Porém o antigo amante castigou-lhe o atrevimento, convertendo-a em rosal.

CAPITULO II.

Celebração d'um torneio.—Rapto e encantamento da joven Elisa.

A formosa castellã ficou muito sobresaltada depois que a pomba fugiu; de subito levantou-se e começou a gritar, assustadissima. Acudiu toda a gente da casa, perguntando-lhe o que succedia. Ella disse que se retirassem todos excepto o pae, pois só a elle contaria o que se passava. Ficaram os dois sós e a joven referiu-lhe tudo o que lhe acontecera desde que no caramanchão lhe cahíra a corôa e o annel. O pae prometteu lhe remediar tudo, não a deixando nunca só, porém foi em vão porque o feiticeiro tinha muito poder para desistir á vista d'aquella vigilancia. Não obstante, isto atrazou um pouco a execução dos planos do feiticeiro.

Passaram-se bastantes dias sem acontecer nada de notavel no palacio; o velho ia perdendo o cuidado e a filha o medo, e para dissipar de todo as inquietações da menina, o pae determinou que se realisassem uns torneios nos quaes os premios ao vencedor seriam a corôa e o annel que a pomba arremessara a Elisa. Correu a noticia pelos povos das immediações e todos os cavalleiros apresentaram os seus melhores cavallos, as armas de melhor tempera e os mais brunidos e elegantes capacetes; cada qual desejava ser o vencedor para receber o premio da bella Elisa, e esmerava-se em apresentar-se brilhante para agradar áquella que era solicitada por todos os nobres do reino.

Chegou o dia marcado e era immensa a concorrencia que acudia de toda a parte, uns a tomar parte na lide e outros a presenciar tão grandes festas.

Mais de vinte cavalleiros entraram no circo, seguidos de muitos pagens e escudeiros e todos pararam em frente do estrado em que se achava a joven, saudando-a galharda e reverentemente. Soam os clarins, os juizes annunciam o principio do torneio e dois cavalleiros de viseira descida encetam a luta. Acommetteram-se com tal gana que as lanças dos dois ficaram em pedaços logo ao primeiro encontro. Tiraram então das espadas e rompem á estocada e á cutilada; afinal um d'elles cáe por terra. O que ficou em pé tinha no escudo esculpidas uma pomba e uma grinalda de flôres no centro do qual se lia: «*Por ella e para ella*». Sahia em seguida outro cavalleiro e pouco depois cahia por terra como o primeiro derribado pelo seu competidor.

Apresentou-se um terceiro que era tão vigoroso e corpulento que fez cahir do cavallo o adversario; porém este montou de novo léstamente e arremettendo com crescido valor obrigou o contrario a soffrer a sorte dos anteriores.

Foram dezenove os cavalleiros os que appareceram a competir com o do escudo esculpido e todos com mais ou menos resistencia ficaram derrotados. Os espectadores applaudiam e victoriavam estrepitosamente o vencedor. Este, vendo-se por ultimo que ninguem mais apparecia a pelejar com elle, foi proclamado triumphador e conduzido aos pés da joven Elisa para ella o coroar.

O cavalleiro recebeu effectivamente a corôa e o annel, sem querer levantar a viseira, apezar das instancias de todos e retirou-se sem se dignar acceitar os offerecimentos que lhe fizeram para tomar parte no banquete que se ia effectuar. Toda a gente fallava d'aquelle valoroso cavalleiro, toda a gente o festejava e só Elisa e o pae suspeitavam quem era. Concluidos os torneios, a multidão dispersou e os convidados dirigiram-se para o palacio onde estava preparado um opiparo banquete. Porém uma extranha aventura encheu a todos d'uma indiscriptivel admiração. Ao apresentar-se na sala do festim, a encantadora Elisa rompeu com harmonioso estrondo uma orchestra numerosa installada segundo parecia na sala immediata Alguns acreditavam que aquillo estava preparado pelos donos do palacio e outros suppunham que era uma surpreza feita por iniciativa de qualquer convidado. No emtanto todos se levantaram da meza e foram vêr os musicos, mas assim como elles se dirigiam para um ponto, assim a musica se ouvia do lado opposto. Em vão se cansaram em percorrer o palacio d'um extremo ao outro; a musica soava sempre, porém não se descobriam os executantes. Portanto começaram a achar n'este facto uma cousa de mau agouro e cada qual discorria sobre o caso d'uma maneira differente. Comtudo como havia pessoas despreoccupadas e de bom humor, entregaram-se finalmente todos ao festim, deixando os musicos invisiveis muito á sua vontade. Mas o maravilhoso não parou aqui: de subito os convivas encontraram-se rodeados d'um grande bando de bruxos e bruxas que obrigando-os a levantarem-se da meza, fizeram d'elles gato, sapato, erguendo-os ao ar, passando-os de mão em mão, e estropeando-os, emquanto que quatro formosissimas meninas vestidas de branco serviam a comida ao velho e á filha que pela sua parte não provavam bocado, assustados com o que se passava, embora algumas vezes não podessem deixar de se rir ao vêr os gestos dos bruxos e o modo de voltear e berrar dos pobres convidados.

Ao cabo d'algum tempo, ao soar d'um assobio desappareceram os bruxos, deixando os estropeados cavalleiros blasphemando e jurando vingar-se a todo o custo de semelhante tropelia e alguns houve que suppuzeram aquelle caso uma brincadeira pezada que os donos do palacio

tinham inventado. Esses sahiram precipitadamente da sala resolvidos a tirar a desforra em melhor occasião.

Terminada d'esta maneira a funcção que tão alegremente principiára, cada qual se retirou para sua casa, summamente desgostoso. Para os convidados concluira já todo o sobrenatural, porém para os da casa fôra aquillo o começo de successos maiores. Com effeito, ao retirarse Elisa para o seu quarto, quando abria a porta d'este, apresentou-se ao seu olhar um espectaculo que a privou dos sentidos, cahindo ella nos braços da creada. O quarto tinha sido inteiramente transformado; o pavimento, tecto e paredes eram de crystal; a cama convertida n'um branco leito de rosas e outras flôres formando uma especie de graciosa canastra pousada sobre quatro cães de prata. Em vez de cortinados havia na cabeceira um genio suspenso no ar, em attitude de regar as flôres, a agua ao cahir do jarrão que o genio segurava, estendia-se em fórma de leque e as grossas e separadas gottas iam cahir n'uma bacia d'alabastro que se achava aos pés do leito. A meza de cabeceira transformára-se em dois cysnes que com o bico sustentavam uma bandeja de prata. Por ultimo, o toucador mudára-se n'um grandiosissimo espelho que era supportado por dois dragões e a cada um dos lados do espelho via-se um pequeno Cupido: o da direita tinha uma bandeja com muitos frascos cheios de essencias e o da esquerda uma magnifica bacia e uma toalha finissima. Emfim nada havia a desejar no luxuossimo aposento. Com certeza a arte não teria conseguido fazer tanto e desde logo se conhecia ser aquillo obra d'um poder sobrehumano. Por isso a joven ao contemplar aquelle espectaculo affligiu-se tanto que perdeu os sentidos. A creada ao vêr desmaiar a menina e surprehendida tambem com a transformação que se déra no quarto, assustou-se de tal modo que sem poder suster a ama, cahiu igualmente sem accordo.

Achavam-se n'este estado quando abrindo-se uma das paredes do quarto appareceu um cavalleiro montado n'um magnifico alazão, branco como a neve e ligeiro como uma ave. O cavalleiro agarrou na joven desmaiada e fugiu com ella. De repente todo o quarto e os moveis voltaram ao seu primitivo estado.

Aquelle atrevido cavalleiro era o mesmo que de manhã vencera nos torneios todos os paladinos, — era o feiticeiro que, doido d'amor, levou no seu cavallo, pelos ares, a bella Ellisa, resolvido a que o pae a não tornasse a vêr. Conduziu a menina para o seu castello onde a encerrou n'um quarto igual ao que antes descrevemos e onde a tratou com o maior disvello para se fazer amar d'ella.

Porém tudo foi em vão, porque a menina não fazia mais do que chorar e lamentar a sua desgraça, recordando-se constantemente do seu querido pae.

Para mais, certa joven mysteriosa, algumas vezes lhe apparecia entre uma especie de nuvem e aconselhava-a a que não amasse o feiticeiro e a que não desanimasse porque um arrogante cavalleiro viria desencantal-a. Esse homem era muito mais formoso do que o proprio feiticeiro e com elle casaria afinal.

Convém dizer que a joven mysteriosa de que fallamos, era aquella que o feiticeiro para se vingar convertera algum tempo em rosal; porém depois dando-lhe a sua primeira fórma, depositou-a n'uma das torres do seu castello, ficando no entanto a ella o nome de Rosa Branca.

CAPITULO III.

Pesadello do pae de Elisa. — Annuncio do feiticeiro. — Resolução desesperada. — Encontro d'um paladino.

Não se sabia ainda nada do que acontecera no palacio do pae de Elisa, meia hora depois do rapto; mas ao reparar uma creada que a sua companheira que acom-

panhara a menina ao quarto, não tinha voltado ainda, espicaçada pela curiosidade dirigiu-se á porta do aposento da ama, afim de escutar. Era noite escura e para que a não notassem, ía ás escuras; ao approximar-se da porta tropeçou no corpo da creada que continuava desmaiada e começou a gritar. Aos seus brados acudiram outros servos com luzes e levantaram a creada que estava sem accordo, fizeram-na recuperar os sentidos e avisaram o amo. Perguntando-se á criada o que succedera, ella relatou o que havia visto. Interrogaram-na a respeito de Elisa e não soube indicar o destino que tivera. Lançaram-se em procura de Elisa, mas naturalmente não a encontraram. Nem no palacio nem nas immediações d'elle encontraram indicios da pobre menina e quando o velho ia a dar ordem para que partissem rapidamente diversos criados em busca de Elisa, ouviu-se uma voz atroadora gritar: — «Não te canses, velho malvado, porque tua filha está em meu poder!» — O velho olhou para todos os lados e nada viu. Reconheceu então do que se tratava e maldizendo a sua sorte, jurou desencantar a todo o custo a filha querida e arrancal-a ao poder do feiticeiro que era o terror de todo aquelle paiz. Porém como conseguil-o, se não sabia onde habitava nem onde o poderia encontrar? Em tal apuro retirou-se para o seu quarto, poz-se a reflectir e acabou por tomar o partido de peregrinar até dar com elle e tirar-lhe Elisa. Arranjou os seus negocios e passados dois dias deixou o palacio ao cuidado d'um amigo seu e disfarçado em monge, caminhou sem sequito algum por aquellas terras além com o proposito firme de não parar nem regressar ao seu palacio sem primeiro ter conseguido o seu fim.

Decorreram dois annos e ninguem o soube informar da morada do terrivel encantador; todos ignoravam onde se poderia encontrar o feiticeiro e no entanto sabiam infelizmente que existia, pois supportavam a sua melefica influencia. A sua infernal guarida era um mysterio para toda a gente.

Um dia, fatigado já de andar e de perguntar, entrou n'uma ermida onde depois d'uma fervorosa oração fez voto de só comer ervas e raizes até que o céu lhe concedesse a felicidade de encontrar a filha. Tornou a pôr-se em marcha e assim passou outro anno tão inutil como os antecedentes. Afinal um dia encontrou-se com um estrangeiro que passeava n'um bello prado florido e como tinha por costume com todos que avistava, perguntou-lhe: — «Saberá por acaso onde pára um encantador que rouba traidoramente as filhas de casa de seus paes como fez á minha?»

O estrangeiro não lhe soube dar noticias do feiticeiro, porém excitada a sua curiosidade com tal pergunta, pediu ao velho que lhe contasse as circumstancias em que lhe tinham raptado a filha. O velho referiu-lhe todos os pormenores que já conhecemos, não se esquecendo como bom pae que era, de assignalar que a filga possuia uma formosura rivalisando com as mais apregoadas d'essas redondezas.

O cavalleiro por uma d'aquellas inspirações inconcebiveis, namorou-se apaixonadamente de Elisa sem a conhecer e fez promessa ao pae d'ella de a desencantar embora para isso fosse necessario revolver o mundo e escalar o céo ou descer aos infernos. O velho ficou tão agradecido com esta promessa que affirmou ao cavalleiro que se conseguisse encontrar-lhe a filha, lh'a daria de boa vontade por esposa e ainda lhe proporcionaria o meio de obter a virtude que dessejasse. Acceitou Gerardo — assim se chamava o cavalleiro — o offerecimento e tomou ainda mais empenho em libertar aquella que sendo extraordinariamente bella, lhe devia pertencer como esposa. O velho entregou-lhe um annel declarando-lhe que tinha a propriedade de adormecer aquelle que o pozesse no dedo sem conhecer o segredo. Gerardo recebeu esse annel com

tanto mais prazer, quanto lhe podia ainda servir d'utilidade se chegasse a encontrar o feiticeiro.

CAPITULO IV.

Gerardo marcha em procura do feiticeiro; apparece Rosa Branca e dá-lhe as noticias que deseja. — Desencanto de Elisa; ella e o seu libertador vão tomar posse d'um castello maravilhoso.

Os dous interlocutores despediram-se e cada um seguiu em direcção opposta; extraordinariamente animado com a promessa que recebera, Gerardo foi a casa, envergou uma cota de malha, escolheu uma boa lança e um cavallo alentado e sahiu decididamente em busca do feiticeiro. Porém — como a ambição nos allucina! — embriagado com a esperança de conseguir ventura tão ditosa como o destino que se lhe promettia, emprehendeu a sua aventura sem se recordar de indagar primeiro onde poderia conseguir algum indicio referente á morada do famoso feiticeiro de quem nem sequer o nome sabia. Assim, depressa comprehendeu quanto convem, antes de encetar uma empreza, informar-se de todas as circumstancias e nunca proceder irreflectidamente. Sem embargo, um acaso feliz deu logar a que não perdesse de todo a esperança de encontrar a que lhe estava promettida para esposa. Atravessando um dia uma extensa planicie coberta de arvores frondosas, appeteceu ao cavallo morder uma rosa branca e d'esta sahiu com um leve queixume, um fio de sangue.

O aventureiro paladino admirou-se de cousa tão rara e apeando-se do cavallo cortou a rosa que de subito se converteu n'uma formosa dama, mas muito pallida e com um ferimento na fronte como se lh'a tivesse feito a mordedura do cavallo. Gerardo cahiu aos pés da mysteriosa mulher pedindo-lhe perdão e supplicando-lhe que lhe declarasse o modo de a compensar do mal que lhe fizera involuntariamente. Depois de enxugar o sangue a um rico lenço que lhe deu o obsequioso Gerardo, a dama disse: — Considerar-me-hei satisfeita se me disser para onde vae e qual o fim da sua viagem e se em seguida me tornar a pôr no ramo de que me cortou». Relatou-lhe francamente o cavalleiro o que se passára entre elle e o velho e a decisão que tomára de libertar a seductora Elisa do poder do feiticeiro. Quando elle terminou, a dama redarguiu:

— «Não posso exprimir-lhe quanto me alegra o caso de o encontrar e de lhe fallar n'um assumpto em que ambos somos interessados. Auxilial-o-hei no seu intento, porque estou namorada do feiticeiro que procura e elle não fará caso dos meus attractivos emquanto se conservar a seu lado essa menina que o senhor deseja desencantar. Se conseguir separal-a d'elle, venha aqui e peça-me o que desejar porque em recompensa tudo lhe concederá. Entretanto guarde este lenço a que me enxuguei e n'elle encontrará escripto com o meu proprio sangue o que deve fazer. O feiticeiro chama-se Adel-Benjamin. Cuidado em pronunciar bem este nome, porque se se enganar uma só vez que seja, perderá a vida. O castello que elle habita tem entrada por debaixo d'uma pedra de muitas côres que encontrará a duzentos passos d'uma fonte ao fim d'esta planicie, na direcção do norte. Nada mais tenho a dizer-lhe. Agora colloque-me no ramo d'onde me tirou e siga o seu caminho».

Converteu-se de novo em rosa e Gerardo depois de a beijar pôl-a no ramo d'onde a cortára. Guardou o lenço, montou a cavallo e proseguiu na sua marcha. Pouco depois examinou o lenço para vêr o que elle lhe indicava e estranhou encontrar sómente estas palavras: *Tem animo e perseverança.* Seguiu na direcção indicada e encontrou afinal a pedra de côres. Tornou a tirar o lenço e viu que elle dizia: «Mata o cavallo e quando vires apparecer um leão deixa-o cevar-se n'elle;

entretanto levanta a pedra e entra sem receio pelo caminho que se apresentar á tua vista».

Gerardo assim fez: apezar do muito apreço em que tinha o seu cavallo, matou-o a lançadas e esperou alguns momentos até que chegou um furioso leão que se arremessou sobre o cavallo, devorando-o. O cavalleiro levantou, não sem trabalho, a pedra, entrou n'uma especie de galeria subterranea e em breve encontrou-se n'um pateo magnifico. Em frente via-se um opulento palacio, cheio de luzes de mil côres que davam tanta claridade como se até alli penetrasse a claridade do sol. As sentinellas do palacio, apenas viram um estranho, perguntaram-lhe quem procurava. Gerardo olhou para o lenço e respondeu: *Adel-Benjamin*. Deixaram-lhe a passagem e elle subiu uma espaçosa escada de jaspe com grandes espelhos d'um e d'outro lado e magnificos ornatos d'ouro no tecto.

Chegou finalmente á ante-sala e teve de esperar uns momentos até que passaram recado ao dono do palacio; o encantador deu por ultimo licença para que o estrangeiro entrasse no salão onde se achava rodeado de grande sequito brilhante de vestuarios preciosos. Quando Adel, um tanto surprehendido, lhe perguntou o que desejava, o cavalleiro Gerardo que já havia lido no lenço tudo quanto devia responder, disse sem se perturbar que receberia com grande prazer, auctorisação para visitar todo o palacio. Adel, confiado no seu poder magico e sem nada suspeitar, accedeu de boa mente e mandou a dous homens da sua comitiva que mostrassem ao visitante tudo quanto havia digno de vêr-se menos a torre da Rosa Branca. Advertiu antes o forasteiro que esperava o acompanhasse á meza, pois desejava dar-lhe todas as provas de consideração emquanto elle se achasse nos seus dominios. O feiticeiro recolheu-se ao seu gabinete e o recem-chegado seguiu os dous guias que lhe deviam mostrar as infinitas curiosidades d'aquelle palacio e suas cercanias; porém como tudo isso lhe importava menos do que saber onde se achava aquella que devia ser sua esposa, não fixou attenção nas variadas aves que pousavam nas torres do castello, nem nas ricas pedras preciosas que o adornavam: n'uma palavra, nada o interessou. Chegada a hora de jantar dirigiu-se para a sala de jantar, sem dar palavra a respeito das cousas que lhe haviam mostrado. No entanto, quando á meza o feiticeiro lhe perguntou o que lhe parecera tudo aquillo, redarguiu que era impossivel encontrar palacio tão magnificente como aquelle. Ao que Adel observou:—«Pois ainda verá outra preciosidade que vale todos os meus dominios». Determinou que chamassem a sua dama favorita. Pouco depois appareceu n'um carro puxado por pavões reaes, uma joven tão formosa que seria difficil descobrir outra no mundo que podésse competir com ella. Contou Adel a Gerardo o que este já sabia, isto é: que roubara aquella menina a um velho nobre. Accrescentou que desde que a tinha ao seu lado nunca a vira alegre, nem uma só vez obtivera d'ella uma palavra carinhosa, embora se mostrasse enamoradissimo da sua favorita.

Gerardo aproveitou esta occasião e disse a Adel:—«Visto que me fallou com tanta franqueza, não posso deixar de me interessar pelo seu bem estar e por isso peço-lhe que faça sahir esta menina e os servos afim de eu lhe confiar um segredo».

O feiticeiro mandou sahir toda a gente e quando os dous ficaram sós, Gerardo proseguiu:—«Já conhecia, amigo Adel, o seu desgosto e vinha propôr-lhe um remedio. Para isso, precisa de se sugeitar a tudo o que eu lhe pedir; em prova da minha estima, acceite este annel que será o laço da nossa amizade. Proponho-lhe que se antes de oito dias, essa menina não o amar perdidamente, Adel me faça devorar pelos seus leões».

Ainda que desconfiado em extremo, o encantador desejava tanto ser amado da sua prisioneira que condescendeu á indicação de Gerardo. Deu-lhe um salvo-

conducto para que as sentinellas o deixassem passear livremente nos seus dominios, mas prohibiu-lhe a entrada na torre da Rosa Branca.

Apenas Adel metteu o annel no dedo, ficou profundamente adormecido. Não pretendia mais Gerardo que, sem perder um instante, por meio do salvo-conducto conseguiu chegar até aos aposentos de Elisa e cahindo aos pés d'esta confessou-lhe qual era o seu intento. Mas como a menina não o acreditasse, deu-lhe os signaes do pae, referindo-lhe outros pormenores que afinal a convenceram completamente. Os dous sahiram do quarto, desceram a escada, atravessaram o pateo e em breve se acharam junto da porta do palacio. Porém ficaram sobresaltados quando ao chegar ao fim da galeria que dava sahida para o campo, viram levantar-se a pedra que tapava a porta. Acreditaram no primeiro momento que iam ser surprehendidos pelos sequazes do feiticeiro, porém não aconteceu assim: era a Rosa Branca a que franqueava a sahida. Rosa Branca abraçando a fugitiva, disse-lhe: — «Anda formosa menina, foge com aquelle que ha-de ser teu esposo. Nada temas para o futuro, comtanto que me chames nos teus momentos d'afflicção. Prometto-te que, se me conservares na tua memoria, terás o meu appoio como premio ao favor que me fizeste. Estava resolvido por ordem do chefe dos feiticeiros que se um dia chegasses a amar Adel, a pobre Rosa Branca permanecesse eternamente chorando a sua desgraça; mas se tu não o amasses e chegasses a fugir ao seu poder, sahindo dos seus dominios, casarias com o teu libertador e eu com Adel que é toda a minha aspiração. Verifica-se isto; bem vês que devo agradecer-te não o teres amado. Por isso mesmo me terás ao teu lado sempre que me chames». Dirigindo-se a Gerardo, continuou: — «E tu, destemido cavalleiro, procura tornar feliz a tua esposa e não esqueças que Rosa Branca é e será sempre tua protectora. Levas um thesouro n'essa menina e deves apreciaI-a como merece. Offereci-te conceder-te o que me pedisses: que exiges de mim?»

Gerardo reflectiu por um momento e depois disse que se contentaria em possuir um palacio tão magnificente como o de Adel. Ainda bem não tinha dito estas palavras, quando se inflammou uma fogueira e entre o fumo ia-se formando um castello grandioso que parecia levantar-se até ao céo.

A Rosa Branca disse-lhes então: — «Ide, ahi tendes o vosso palacio!» Despediram-se ternamente e os dous encaminharam-se para o castello olhando para traz a vêr Rosa Branca que á entrada da residencia de Adel os fitava com um sorriso de satisfação, prevendo que ao mesmo tempo aquelle par ia ser ditoso e a ella tambem a esperavam dias muito venturosos ao lado d'aquelle que tanto amava, embora tão ingrato tivesse sido para com ella. Logo que os perdeu de vista, ligeira como uma gazella internou-se no castello e principiou a palpitar de gôso o seu coração apaixonado.

CAPITULO V.

O que succedeu no castello encantado depois da partida da joven Elisa. — Descripção da torre de Rosa Branca e festas que ahi se celebraram.

Os dous afortunados amantes afastaram-se apressadamente, porém como Gerardo não tivera a precaução ou não encontrava o meio de tirar o annel ao feiticeiro, este permaneceria adormecido se não apparecesse Rosa Branca que possuia o segredo. Ella entrou no quarto e approximando-se do leito onde os creados tinham depositado Adel tirou-lhe o annel e o encantador despertou. Olhou em redor e ficou assombrado ao vêr junto de si aquella que julgava encerrada na torre.

Como não ignorava que Rosa Branca não podia estar alli sem que Elisa tivesse fugido do palacio, conheceu, ainda que

tarde, o embuste do estrangeiro. Achava-se destinado que deveria amar a Rosa Branca logo que perdesse a outra e portanto não fez o que outro qualquer nas suas circumstancias praticaria. Não se enfureceu; tomou o partido de se conformar, entregando-se inteiramente áquella que a sorte lhe marcava para esposa. Não obstante ao saber a maneira como o estrangeiro o enganára, encolerisou-se um pouco por se vêr vencido por um estranho.

Afinal estendeu os braços á Rosa Branca, dizendo: — «Adoro-te já, mulher admiravel. Perdôa-me o que te fiz soffrer e que desde hoje haja entre nós unicamente amor e felicidade». Deu-lhe um beijo ardente na fronte e ao ruido d'esse osculo appareceram seis Cupidos que se beijavam e dançavam ao compasso d'uma musica doce que se ouvia ao longe. D'esta maneira se deu principio ás festas e jogos que tinham de celebrar-se pela reconciliação e boda dos dous amantes.

N'aquelle dia restituiram-se á liberdade todos os prisioneiros da torre da Rosa Branca, que eram muitas jovens encantadas que Adel tinha alli e muitos cavalleiros que tinham penetrado no castello para resgatar as suas amadas e haviam sido presos por não saberem a contrasenha particular do castello.

Já que fallamos d'esta torre, daremos uma descripção do que ella encerrava, advertindo-se que se Adel não deixou entrar alli o libertador de Elisa, foi exclusivamente para que não visse as encantadas que alli se achavam detidas. A primeira porta d'essa torre era de bronze com muitas mólas que só Adel e o seu confidente conheciam; depois havia uma escada de corda muito difficil de subir, chegava-se a uma sala muito grande cheia de caldeiras, tenazes, grêlhas, diversas vasilhas e ossos humanos. Era n'essa sala onde Adel praticava as suas operações magicas e servia tambem de habitação ás bruxas que estavam dependentes do feiticeiro. Quando o encantador entrou para dar a liberdade aos seus prisioneiros, encontrou dous meninos de trez a quatro annos, filhos de feiticeiras ao serviço de Adel e que choravam e tremiam ao vêr derreter outro mais pequeno n'uma enorme certã, pois o oleo assim extrahido utilisava para dar juventude aos velhos que se untavam com elle. N'esta sala havia duas portas; a da direita dava ingresso para uma serie de cellulas onde estavam presos os encantados por amor, todos sem se mover e rindo-se continuamente. A porta da esquerda abria para uma escada muito estreita que levava a uma sala ricamente mobilada e na qual se via um throno de marfim com diamantes e pedras preciosas de mil côres, incrustadas n'elle; estava quasi coberto com um rosal que em todo o tempo apparecia cheio de flores. A um lado do throno, um carro tambem de marfim, com dous logares; do outro lado, um segundo carro de nacar. Ricas colgaduras, magnificos espelhos, candelabros custosissimos, e perfumadores prateados despedindo suaves e olorosos aromas adornavam os centros do salão. No meio existia uma preciosa fonte de marmore branco, figurando uma Venus recostada n'um cysne que arremessava pela guéla um alto jacto d'agua crystallina. Emfim, um salão a que não podia egualar-se em luxo nem em custo o melhor e mais sumptuosamente adornado. Esta devia de ser a habitação de Rosa Branca e alli se celebrariam as bodas d'ella com Adel.

A' hora marcada entraram primeiramente muitissimas bruxas e duendes o qual mais extravagante e dançando ao compasso de pandeiretas; appareceram em seguida uns sessenta genios trazendo pequenos cabazes com flores, centros, grinaldas e outras essencias; desfilaram logo Cupidos com seu arco e frechas; apresentaram-se depois todos os encantados do castello entoando hymnos e louvores a Adel porque lhes dava a liberdade; a estes seguia-se um esplendido carro tirado por dous leões, figurando um ninho e em redor do qual voava uma pomba branca,

Dentro do carro vinham Rosa Branca e Adel ricamente vestidos e cercados de escravos e guardas. Os dous apearam-se, sentaram-se no throno e deu-se começo ás festas com danças e jogos muito bonitos, embora extremamente estramboticos. Nos degraus do throno alinhavam-se muitos feiticeiros e encantadores convidados, amigos de Adel e todos cantavam hymnos em honra dos novos esposos. N'isto uma bruxa annunciou que chegava o chefe dos feiticeiros e todos ajoelharam.

Entrou com effeito um velho vestido d'encarnado, com uma corôa que representava uma fogueira e tirando da espada approximou-se de Adel e de Rosa Branca; fel-os ajoelhar aos seus pés, e depois de lhes dar a mão a beijar, cingiu-lhes a fronte com uma grinalda de flores. Em seguida mandou-os subir de novo para o logar d'onde tinham descido para receber o chefe. A multidão victoreou os desposados e o chefe dos feiticeiros e este, concluida a ceremonia, retirou-se no meio d'acclamações.

Pouco tardaram em retirar-se os noivos e todos os assistentes os imitaram, terminando assim a boda de Rosa Branca e d'Adel que foram depois invejados por muitos e apreciados pelos outros na familia dos feiticeiros e encantadores.

CAPITULO VI.

Outras bodas e mais festas.—Apresenta-se o pae de Elisa em trage de peregrino e amaldiçôa a ella e ao esposo pela sua ingratidão.—Desgraças que lhes sobrevieram.

Justo será agora que voltemos a fallar da desencantada Elisa e do seu libertador que deixamos a caminho do seu improvisado castello.

Pouco antes de chegar a elle, encontraram mais de cem pessoas que os esperavam e os fizeram subir para um palanquim, levando-os assim até á entrada do edificio. Na ponte levadiça do castello tinham formado uma abobada com ramos de arvores e grinaldas e no meio estava como que um altar; um sacerdote abençoou o casamento dos dous entre o harmonioso chilrear d'uma infinidade de passarinhos que cantavam incessantemente. Após esta ceremonia, subiram ao salão principal do castello onde uma quantidade enorme de pessoas, pagens, creados e guardas, lhes foram beijar a mão, apresentando-lhes as suas homenagens; em seguida serviu-se um opiparo banquete. Deve notar-se que n'aquelle palacio se via por toda a parte, profusamente, o ouro, a prata e as pedras preciosas. O edificio era todo de marmore e as paredes interiores de nacar; os moveis de marfim, as colgaduras de damasco com fios d'ouro, os pratos e demais utensilios de baixella, de ouro e prata, os leitos de pennas e magnificamente adornados—em summa, tudo riquissimo. Adorados dos seus vassallos e felizes como ninguem, passavam uma vida deliciosa n'aquelle castello sumptuosissimo.

Todos os dias sahiam a passear n'um grande e lindo jardim que havia junto ao palacio e a bella Elisa recuperou o seu antigo habito de regar as flores, como quando vivia em casa de seu pae. Porém no meio de toda aquella ventura, Elisa foi-se esquecendo pouco e pouco de Rosa Branca, chegando a olvidal-a de todo bem como a seu pae.

Chegou a occasião em que Elisa deu á uz um filho e preparavam-se novas festas para celebrar este fausto successo: illuminações, jogos, caçadas, bailes, tudo se effectuou com grande pompa e na maior alegria. Foram convidados para as festas, os senhores d'aquellas redondezas. No meio da funcção foi avisado o dono do castello que um mendigo muito velho e estropeado desejava fallar-lhe; mas como Gerardo com as riquezas e o luxo se tornára orgulhoso, respondeu que não estava para receber importunos e não deixou entrar o velho mendigo. Acabaram afinal os festejos e poucos dias depois Gerardo

recebeu noticia de que chegára um monge que desejava fallar-lhe. Tornou a responder desdenhosamente que não recebia pessoa alguma. Decorreram outros tantos dias e voltou o velho d'esta vez trajando de peregrino e pedindo pousada, pois não tinha onde passar a noite. Concederam-lhe agasalho e Elisa mandou que o levassem á sua presença afim de lhe perguntar o que tinha visto durante a sua peregrinação. Chegou o velho á presença dos donos da casa, que lhe offereceram alimento, mas elle recusou, tirando do alforge umas ervas que disse ser a sua unica alimentação. Isto fez recordar aos dous esposos o velho pae que levado pelo desejo de encontrar a filha, fizerá o voto que sabemos. Perguntaram ao peregrino para onde ia e que motivo o induzira a realisar a sua peregrinação. Elle contou então o seguinte:

«Saberão os senhores que tive uma filha que pela sua belleza e virtude, era todo o meu orgulho. Essa filha desappareceu do meu lado d'um modo extraordinario e em vão a procurei por toda a parte: não me deram novas d'ella. Um cavalleiro offereceu-se-me para fazer todo o empenho em descobril-a e eu agradecido, offereci-lh'a por esposa. Esse cavalleiro enganou-me vilmente porque, segundo soube, libertou minha filha do seu tyranno oppressor e levou-a comsigo sem querer que eu participasse da sua alegria. O peor de tudo é que ella, tendo sido ao meu lado tão virtuosa e tão estremecida por mim que a chorei tanto e tanto e que me expuz aos trabalhos e ás durezas de uma constante peregrinação, tambem não tratou de procurar o pae, de o abraçar. Ainda mais: tornou-se orgulhosa esquecendo os conselhos que lhe deram em pequenina; não dá esmola aos pobres, nem presta ouvidos ás supplicas dos desgraçados».

N'isto os dous esposos que se convenceram que aquelle era o pae de Elisa e não estranhavam o seu justo resentimento, ajoelharam deante d'elle. Porém o peregrino, repellindo-os accrescentou: — «Esperem que ainda não acabei». E fazendo que não via os que lhe pediam perdão, disse ainda: «Reconhecendo o velho e desgraçado pae o desprezo a que o votavam, e a ingratidão da filha e do genro, apresentou-se disfarçado deante d'elles, humilhou-os e quando os viu de joelhos aos seus pés, amaldiçoou-os e invocou o poder do céo para que d'alli em diante fossem tão infelizes como o velho cujo paternal affecto ultrajaram».

Ao pronunciar estas palavras o peregrino fez menção de sahir; Elisa soltou um grito e cahiu desmaiada. O esposo levantando-se, com voz firme e resoluta tratou de desculpar-se e de lançar em face ao velho a sua severidade. Mas o peregrino com ar de desprezo, voltou-lhe as costas e sahiu.

Grandes transtornos produziu esta scena no castello, pois Elisa affligiu-se muitissimo e cahiu gravemente enferma. O marido principiou a tomar um aspecto pouco amavel e um genio aspero e aborrecido; de modo que, desde aquelle momento foi desapparecendo a felicidade na casa. Em vez de invocar o soccorro de Rosa Branca como era natural, não se lembraram d'ella os dous esposos. Assim deu-se o caso que a Rosa Branca em vista de tão censuravel abandono resolveu vingar-se de tal aggravo e castigal-os severamente.

Para isso, como cousa determinada pelo céo, querendo dar cumprimento á maldição do pae offendido, principiou a suscitar a cubiça no coração dos nobres visinhos, despertando-lhes o appetite de se apoderarem do famoso castello que era a inveja e a admiração de todo o reino. Formaram elles uma liga para derribar o rival e entraram primeiro de impôr condições onerosas e degradantes ao dono do castello; como Gerardo não desejava privar-se da menor cousa de que se julgava legitimo proprietario, não prestou ouvidos a nenhuma proposta. Mais empenhados então os contrarios n'aquella acquisi-

ção, preveniram-se todos para o expulsar do palacio, com o pretexto de que lhe não pertencia de bom direito.

Assaltaram-no com um crescidissimo numero de gente armada e conhecendo os do castello o perigo que os ameaçava, quizeram chegar a um accordo a que se negaram os outros que viam occasião favoravel para conseguir os seus ambiciosos desejos.

CAPITULO VII.

Desditas e felicidades.—Morte do pae de Elisa.—Casamento do filho.—Nova desgraça.—Conclusão.

Os dous esposos não tiveram pois outro remedio senão aproveitar a escuridão da noite e fugir a toda a pressa da morte que os ameaçava; com tal precipitação o fizeram que não tiveram tempo de levar dinheiro ou joias. Abandonados, sem amigos, sem amparo algum, e com o filho que ainda não tinha dous annos completados, não lhes restava outro recurso além do de mendigar de porta em porta a hospitalidade, sugeitando-se por ultimo a trabalhar para ganhar o sustento. Em tão miseravel estado e dominados pelo orgulho e pela lembrança da felicidade perdida, consideravam-se as creaturas mais desgraçadas da terra e apezar d'isso não queriam humilhar-se até ao ponto de ir pedir auxilio a seu pae.

Finalmente, n'um momento de desespero resolveu-se Gerardo tirar a vida para não soffrer sorte tão adversa; quando ia pôr em execução essa ideia viu cahir aos pés uma rosa branca. Um pensamento subito atravessou-lhe a mente; apanhou a rosa e lembrou-se da sua protectora. Só esta lembrança bastou para desarmar a colera de Rosa Branca; appareceu então a Gerardo que, envergonhado, cahiu de joelhos, implorando piedade. A benefica e formosa mulher mandou-o levantar e depois de lhe dirigir um olhar severo, disse-lhe:—«Nescio! porque és tão cobarde? Porque não tens valor para supportar a tua desgraça? Se não fosse por teu innocente filho que sentiria, sem culpa, os deploraveis effeitos do teu intento, suppões que viria proteger-te? Nunca auxilio os que não me procuram, os ingratos que me esquecem. Não creias que foi o acaso a causa da tua desgraça. Fui eu que quiz castigar-te pela tua ingratidão; eu que decidi fazer-te vêr que ninguem por mais poderoso que seja, deve considerar-se independente n'este mundo».

Não podendo soffrer tantos e tão amargas reprehensões o misero Gerado pediu mil vezes perdão a Rosa Branca e prometteu não a tornar a esquecer nem aos seus conselhos. Rosa Branca desappareceu e Gerardo foi procurar a esposa, contando-lhe tudo o que se acabara de passar. N'aquelle mesmo dia, por indicação da sua bondosa protectora, os dois consortes pozeram-se a caminho afim de pepir humildemente perdão ao pae.

Quando chegaram ao castello e se apresentaram ante o velho, este, ao reconhecel-os não pôde deixar de ceder aos impulsos do carinho paternal e vendo-os em tão triste estado, esqueceu todo o passado, admittiu-os em sua casa e tratou-os com o maior affecto. Quando o informaram das suas desgraças, penalisou-se muito e procurou remedial-os. Reconciliados d'este modo com o velho consideraram-se menos desgraçados, embora chorassem ainda a perda do magnifico castello. O velho não podia soffrer com paciencia a affronta feita aos seus filhos; em breve apresentou gente e collocando Gerado á frente d'essas tropas, mandou-o reconquistar o que tão injustamente lhe fôra usurpado. Partiu effectivamente o ousado Gerardo á frente da sua hoste e tal valor e intelligencia desenvolveu que apenas dispoz tudo para o assalto, os que occupavam o castello julgando-se incapazes de resistir ao ataque, fugiram vergonhosamente, deixando-o senhor do palacio sem dar a menor prova de resistencia; n'isto se via pal-

pavelmente a mão de Rosa Branca. Completa foi a victoria de Gerardo e desde então só pensou em ser feliz com os seus; logo que tomou posse do castello e o guarneceu com a sua gente, partiu a abraçar a esposa e o sogro.

Quando chegou á vista do castello onde sua familia o esperava, notou que estavam fechadas as portas e a ponte levantada; teve o presentimento de que succedera alguma cousa de doloroso. Esporeou o cavallo e rapidamente chegou ao pé do castello. Um pagem assomou a uma janella e vendo quem chegava mandou descer a ponte levadiça. Em vez da alegria natural que pelo seu regresso devia encontrar, Gerardo viu lagrimas em todos os rostos. Apeia-se n'uma grande angustia, sóbe a escada e sem se atrever a interrogar ninguem, entra no aposento do pae de Elisa. Terrivel espectaculo! Sua esposa e seu filho dirigiam os olhares saudosos para o cadaver do velho que repousava n'um rico esquife. Attonito, Gerardo deixou escapar um gemido que chamou a attenção de todos. Apenas o viu, Elisa lançou-se-lhe nos braços e permaneceram muito tempo estreitados sem poderem articular uma palavra. Tristissimo era o aspecto d'aquella mansão de morte onde todos choravam á porfia a perda repentina do virtuoso velho, tão nobreca racter como pae carinhoso.

Deu-se sepultura ao cadaver com a maior pompa e ostentação; passados os primeiros dias depois de tão infausto acontecimento e com a ideia da reconquista do castello e a grande herança que lhes deixava o defunto, foram-se os dois esposos consolando-se na sua saudade porque é certo que, com dinheiro, o luto é menos doloroso. Ao cabo de poucos mezes já quasi se não lembravam do affectuoso pae e só tratavam de exhibir o seu luxo, como os mais poderosos nobres d'aquelle tempo. Tanto chamaram a attenção pela sua riqueza e pelas suas festas que todos os cavalleiros que tinham alguma filha desejavam casal-a com Frederico—que assim se chamava o unico herdeiro de tão rica e poderosa familia. Porém esta, orgulhecida com aquellas pretensões negou-se a permittir um casamento que não satisfizesse bem a sua prosapia, aspirando, ao que afinal alcançou que foi casar o filho com a filha d'um rei. Realmente combinou-se o consorcio com a joven Florinda, princeza muito bella e virtuosa.

Ao celebrar-se as bodas, determinou-se para chamar mais attenção, entre outras diversões, uma corrida de carros que foi a causa do transtorno funesto que fez terminar desastradamente um noivado tão celebre e converteu a alegria em lagrimas e pezares.

Foi o caso que os paes do noivo quizeram tomar parte na corrida e subiram para uma preciosa carruagem tirada por quatro cavallos que na sua carreira veloz se desbocaram e voltaram o trem, matando os dous esposos. Todo o mundo sentiu aquella desgraça, porque então Gerardo e Elisa eram muito estimados e houve quem levado pela superstição d'aquellas épocas dissesse que aquelle successo era o vaticinio de desgraças que tinham de acontecer aos recem casados.

Concluidas ou para melhor dizer interrompidas d'uma maneira tão aziaga estas festas, tratou-se de enterrar os cadaveres, como se teria feito a não se dar certo caso particular. Quando conduziam os corpos ao sitio destinado para sua sepultura, transformou-se o feretro em um carro de concha tirado por leões e a cuja vista se surprehenderam todos os espectadores da scena. Os leões transportaram os cadaveres até ao local onde Gerardo encontrara a rosa que o seu corcel mordera — e que era a propria *Rosa Branca Encantada.* Alli havia um soberbo mausoleu de marmore branco e negro cujo remate era um rosal que em todo o tempo conservava mimosas as suas flôres. O tumulo tinha uma inscripção em letras d'ouro, que dizia:

À MEMORIA

DE

GERARDO E ELISA,

A SUA PROTECTORA

ROSA BRANCA ENCANTADA.

Os leões desappareceram apenas chegaram ao mausoleu, deixando alli o carro com os cadaveres: muitos homens que os tinham seguido de longe a cavallo, participaram o que tinham visto e logo se resolveu que fossem depositados n'aquelle tumulo os restos dos dous esposos. Esse tumulo, segundo é fama, existiu por dilatados tempos em recordação de tão extraordinario successo produzido pela muito celebrada e incomparavel *Rosa Branca Encantada.*

FIM.

TYP. A VAPOR DE A. R. DA CRUZ COUTINHO. — RUA DOS CALDEIREIROS, 28 E 30.